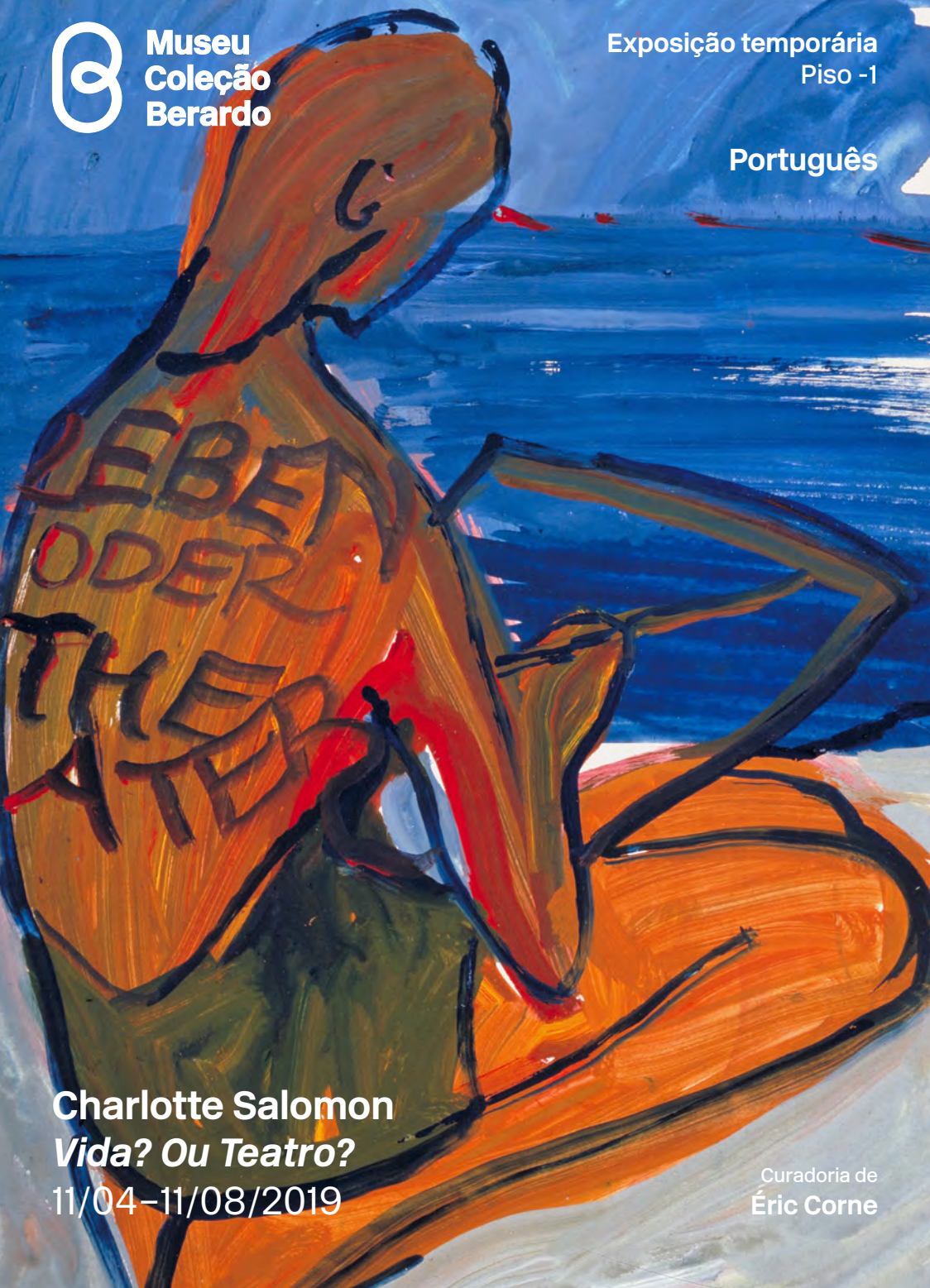




Museu
Coleção
Berardo

Exposição temporária
Piso -1

Português



Charlotte Salomon
Vida? Ou Teatro?
11/04-11/08/2019

Curadoria de
Éric Corne

Leben? Oder Theater? Ein Singespiel

As duas janelas de Charlotte Salomon

Éric Corne

A vida de Charlotte Salomon

Charlotte Salomon nasce a 16 de abril de 1917 em Berlim. O seu nome é uma homenagem à sua tia, que se matara em 1913. Charlotte tem 8 anos quando a sua mãe, Franziska, se suicida. Dizem-lhe que morreu com uma gripe. O seu pai, Albert, cirurgião e professor associado na Universidade de Berlim, volta a casar, agora com a célebre cantora Paula Lindberg — que apresenta à família Salomon os seus amigos e admiradores, tais como Albert Einstein, Erich Mendelsohn, Max Liebermann... Charlotte está fascinada por Paula, dedicando-lhe um amor simbiótico, até exclusivo.

Em 1933, Hitler e os nazis chegam ao poder — e com eles o antisemitismo institucional, bem como as restrições impostas à comunidade judia. Albert vê ser-lhe retirada a licença de ensino e passa a exercer medicina num hospital judaico; Paula é vaiada nos concertos.

Kurt Baumann e Kurt Singer (neurologista, músico e amigo de Paula Lindberg) fundam a Kulturbund Deutscher Juden (Associação Cultural dos Judeus Alemães), para permitir que os artistas judeus continuem a criar e a exprimir-se. Paula Lindberg apresenta diversos recitais no âmbito da Kulturbund.

Ao mesmo tempo, o antisemitismo torna-se o cimento da nação alemã. Nas escolas, as crianças judias são maltratadas, agredidas e vilipendiadas, e Charlotte decide abandonar o liceu. Frequenta, então, o curso de desenho de uma academia de moda. Posteriormente, em 1936, apesar de ser judia, é aceite na Academia de Belas-Artes de Berlim, uma vez que o seu pai é reconhecido como veterano de guerra.

Conhece Alfred Wolfsohn quando este é contratado como professor de canto de Paula Lindberg. Após as experiências traumatizantes que sofreu durante a Primeira Guerra Mundial, Alfred Wolfsohn desenvolveu teorias sobre a voz humana, capaz de exprimir todas as emoções, e sobre a ligação entre a vida e a arte. Este homem exerce uma grande influência sobre Charlotte. Será o seu primeiro amor (sonhado, fantasiado?), mas, sobretudo, assume para

a jovem o papel de guia espiritual e artístico. Na academia, com a sua obra *A Morte e a Donzela*, Charlotte Salomon obtém o primeiro prémio de um concurso sobre o *Lied* homónimo. No entanto, por ser judia, o prémio não lhe é entregue, e ela decide abandonar a instituição.

Em 1938, após a Noite de Cristal, enquanto a violência e a loucura assassina dos nazis para com os judeus se acentuam, Albert Salomon é deportado para o campo de concentração de Sachsenhausen, de onde Paula Lindberg consegue libertá-lo, graças à sua rede de influências.

Charlotte Salomon foge da Alemanha e das perseguições nazis no início de 1939, com 21 anos de idade. Junta-se aos avós, Ludwig e Marianne Grunwald, no Sul de França, onde se haviam refugiado. Os avós de Charlotte encontram-se em Villefranche-sur-Mer, hospedados na vivenda de Otilie Moore, a Villa L'Ermitage, que acolhe refugiados de diversas nacionalidades. Otilie, de origem alemã e viúva de um oficial americano, encoraja Charlotte a pintar.

O desencadear da Segunda Guerra Mundial leva a avó de Charlotte ao suicídio. Apesar da vigilância da neta, e diante dos olhos desta, atira-se da janela, repetindo o gesto da sua mãe, Franziska. Com esta tragédia, Charlotte descobre pelo avô que quase toda a sua família, incluindo a sua mãe e a sua tia, se suicidaram. É ela a única sobrevivente.

A fim de evitar um destino semelhante aos outros membros da sua família, decide então criar algo absolutamente singular. Entre 1940 e 1942, realiza mais de 1300 guaches, dos quais seleciona 769 para *Vida? Ou Teatro?*. Quando termina a sua obra, dedica-a a Otilie Moore, que parte para a América levando consigo todas as crianças refugiadas que acolhera.

Charlotte permanece na Villa L'Ermitage com Alexander Nagler, um refugiado judeu austríaco com quem casa após a morte do avô Grunwald. Consciente da precariedade da sua situação, confía a preciosa caixa que contém os guaches ao Dr. Moridis, com as seguintes palavras: «São toda a minha vida.»

Durante a ocupação alemã, a Gestapo, sob as ordens de Alois Brunner, prende o casal na Villa L'Ermitage. Ambos são deportados para Auschwitz via Drancy. A 12 de outubro de 1943, Charlotte Salomon, grávida de cinco meses, é assassinada. Alexander Nagler morrerá de exaustão alguns meses mais tarde.

Em 1947, Paula e Albert Salomon, que haviam sobrevivido refugiados na Holanda, viajam para

Villefranche-sur-Mer, onde Ottilie Moore, regressada dos Estados Unidos, lhes entrega *Vida? Ou Teatro?*. Após as exposições organizadas na Holanda, a partir de 1961, e mais tarde na Alemanha, os pais confiam a obra ao Museu de História Judaica de Amsterdão em 1971, a conselho do pai de Anne Frank.

Vida? Ou Teatro?

A criação das pinturas que se seguem deve ser imaginada da seguinte forma:

Uma pessoa está sentada junto ao mar. Está a pintar. Subitamente, uma melodia invade o seu espírito. Ao começar a cantarolá-la, apercebe-se de que a melodia corresponde exatamente àquilo que tenta passar para o papel. Forma-se um texto na sua mente, e começa a cantar a canção com as suas próprias palavras, uma e outra vez, em voz alta, até a pintura parecer terminada. Frequentemente, configuram-se vários textos, e o resultado é um dueto, ou até acontece que cada personagem tenha de cantar um texto diferente, o que resulta no aparecimento de um coro. A natureza variada das pinturas deve ser atribuída mais à natureza variada das personagens representadas do que ao autor. Este tentou — como talvez seja mais evidente na Secção Principal — sair completamente de si mesmo, e permitir que as personagens cantem ou que falem com as suas próprias vozes. Para o conseguir, foi preciso renunciar a vários valores artísticos, mas espero que tal seja perdoado, tendo em consideração a natureza da obra, que tão facilmente penetra o espírito.

MO04155.5-6

Com um sentido de urgência, Charlotte Salomon realizou uma das mais extraordinárias obras de arte do século XX. Em *Vida? Ou Teatro?*, Charlotte Salomon encarna Charlotte Kann («*Kann*», do verbo alemão «*können*», «conseguir»?) e nunca escreve na primeira pessoa — nunca emprega um «eu».

O *eu* é definitivamente um *outro*, como em Arthur Rimbaud. Não será totalmente adequado qualificar *Vida? Ou Teatro?* enquanto autobiografia; «autoficção» ou «rememoração» serão formas mais apropriadas de definir esta obra. Através do seu génio artístico, do seu virtuosismo e da sua cultura, Charlotte Salomon confronta o real e questiona a ordem do mundo. Aqui, o tema é a memória, a relação com a história e a relação com os outros, bem como consigo mesma.

Charlotte Salomon escreve em alemão nas transparências ou diretamente nas pinturas, mas também integra sons e sedimentos sonoros de outras línguas, como o francês. Além disto, por forma a ampliar o efeito polifónico da sua

obra, quase todas as personagens — *atores* deste *Singspiel* (ou opereta) — recebem nomes que são simultaneamente signo, significado e som: Knarre, significado «rangido», para os avós Grunwald; Paulinka Bimbam, semelhante a «dlim-dlão», para a sua madrastra, Paula Lindberg; Klingklang, que evoca o som de um piano, para o professor de Paulinka; Singsang, fazendo lembrar um canto monótono, para Kurt Singer, músico e amigo de

Paula Lindberg. O nome Amadeus Daberlohn — para Alfred Wolfsohn, professor de canto de Paula Lindberg — é um caso mais complexo. «Amadeus» será certamente referência a Mozart; «Daberlohn» é habitualmente lido como «salário miserável». Outra interpretação mais significativa em relação ao seu papel central, contudo, poderia ler «Amadeus» como a expressão latina «*Ama deus*»; «*daber*», como a palavra hebraica para «palavra», associada a «*Lohn*», «salário» em alemão. Assim, o seu nome pode ser interpretado como: «Amar Deus é o salário da palavra.»

Charlotte Salomon sobrevive porque Alfred Wolfsohn lhe transmitiu confiança com aquilo que lhe disse quando ela partiu

de Berlim: «Nunca te esqueças de que acredito em ti.»

Salomon apresenta na Secção Principal o professor de música Amadeus Daberlohn, que surge como uma figura quase messiânica. Ele, Paulinka Bimbam e Charlotte formam um triângulo amoroso que se funde por intermédio (transferência) da arte. Daberlohn está loucamente apaixonado por Paulinka, mas, a pouco e pouco, interessa-se por Charlotte, que lhe dedica todo o seu amor.

Fugindo da perseguição nazi, a artista, exilada no Sul de França, emancipa-se de todo o poder e de todas as previsões para o futuro; a sua obra é a da liberdade e do adeus à Alemanha, país do abismo, e à sua cultura.

Habitada pela tragédia familiar, Charlotte Salomon escreve, pinta e representa *Leben? Oder Theater? Ein Singspiel* entre o céu e a terra, entre dois mundos, numa temporalidade suspensa, em resposta à necessidade existencial de não morrer. Cada guache, cada pincelada

torna-se assim uma forma de resistir à morte e ao desespero. Os corpos, rostos, espaços interiores e paisagens fundem-se para expressar este mergulho em si mesma, nas profundezas da sua alma, da alma. Ainda assim, a audácia, sensibilidade e perspicácia de Charlotte Salomon na sua obra plástica são também sociais, políticas e feministas.

Vida? Ou Teatro? é um conjunto de sonhos, experiências, fantasias, esperanças e traumas (os suicídios da sua tia, da sua mãe e da sua avó, assim como a perseguição nazi). Para os tornar visíveis, Charlotte Salomon condensa diversas temporalidades num mesmo guache. Trata-se de uma obra de arte total, simultaneamente sonora, visual e literária: um espaço-tempo em permanente reinvestimento, cujo carácter atemporal assegura a conservação da sua contemporaneidade e, em certo sentido, da humanidade.

A música e a pintura constituem uma forma de orquestração que organiza toda a obra e determina a sua intensidade. Tais sonoridades comuns à pintura e à música foram frequentemente usadas por Baudelaire nas suas evocações da *mélodie du tableau*.

O estilo de Charlotte Salomon evolui ao longo de *Vida? Ou Teatro?*, adquirindo, com a urgência, destreza e expressividade. Além disto, a artista faz várias referências à história da arte. O estilo

e a feitura entram em ressonância com o momento descrito.

A par da trágica história familiar de Charlotte, constrói-se uma outra, mais feliz e colorida, composta por pintores que a artista admirava. Edvard Munch foi um dos que a marcou especialmente, tendo ele próprio sido inspirado pelo teatro intimista que viu. E Salomon convoca obras de outros artistas, como: Michelangelo, Vincent van Gogh, Auguste Rodin, Marc Chagall, Georg Grosz, Henri Matisse, Raoul Dufy, Marianne von Werefkin, Karl Hofer, Gustav Klimt, Rudolf Wacker...

À parte as influências, como terá Charlotte sido capaz de entender a trabalhar a arte, a filosofia e a psicanálise em todas as suas formas com tamanho rigor? O enigma de Salomon é o de uma artista, uma mulher *habitada*, que capta e transmite a cultura de um mundo em colapso, recorrendo a alguns pincéis e três cores somente. O seu despojamento material é compensado pela sua magnífica espiritualidade.

Charlotte Salomon agarra-se à janela da arte para evitar o suicídio por defenestração (como a sua mãe e avó).

Vida? Ou Teatro? é um grito, uma última oferta cultural de uma judia alemã. A arte, a música, a pintura, o teatro, o cinema e a literatura, mas também a filosofia, a psicanálise e a religião, iluminam-se mutuamente.



Charlotte Salomon aos 16 anos de idade com o seu pai, Albert Salomon, Berlim, c. 1928
© Fundação Charlotte Salomon, Amesterdão



Charlotte Salomon a pintar, Villefranche-sur-Mer, c. 1939
© Fundação Charlotte Salomon, Amesterdão

Através deste *continuum* entre a vida e o teatro, a artista mergulha na questão da representação que sustenta o ato de pintar. Assim, desafiando todas as sintaxes da pintura, a sua obra é de fusão e de efusão — e resiste a toda a historicidade.

A dualidade é constante: Charlotte Kann e Charlotte Salomon, as duas janelas evocadas; a vida e a morte; a vida e/ou o teatro; o feminino e/ou o masculino. É necessário ver *duplamente* para aceder à infinita riqueza e complexidade da obra, na qual aquilo que se lê não confunde a simples resolução daquilo que se vê.

Vida? Ou Teatro? é uma canção de amor — uma das mais belas do século XX — na qual a paixão acorrentada à arte deve ser compreendida como aquela nos íntima a fazê-lo, na ubiquidade da rememoração e da projeção mental.

Nas oito páginas de texto que concluem a obra, a Charlotte — virada para o sol — torna o rosto do seu querido Daberlohn. Charlotte vê-se morrer, desvanecer, escapar, para logo renascer enquanto artista.

E, de súbito, ela percebeu duas coisas. Primeiro, que os olhos de Daberlohn pareciam dizer «A Morte e a Donzela somos nós os dois»; e, depois, que ela ainda o amava como sempre o amara. E, se ele era a Morte, então estava tudo bem, e ela não teria de se matar, como fora o caso dos seus antepassados, uma vez que, de acordo com o seu método, é possível ressuscitar-se; na verdade, para se amar a vida ainda mais, deve-se já ter morrido antes. Então, ela era efetivamente o exemplo vivo das teorias dele [...].

E, com olhos de quem sonha acordado, ela viu toda a beleza à sua volta, viu o mar, sentiu o sol, e percebeu: teria de desaparecer por uns tempos do plano humano e fazer todos os sacrifícios para, a partir do seu íntimo, criar novamente o seu mundo.

M004923v-M004924v



Capa e contracapa:
Charlotte Salomon, *Vida? Ou Teatro?* (M004925 e M004817), 1940-1942, Villefranche-sur-Mer, França.
Guache sobre papel, transparência. Coleção do Museu de História Judaica de Amsterdão.
© Fundação Charlotte Salomon, Amsterdão

Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades para escolas e famílias

Marcações e mais informações
T. 213 612 800
servico.educativo@museuberardo.pt
www.museuberardo.pt/educacao

Visitas

Visitas orientadas por Patrícia Trindade
Datas e horas a anunciar

Visita orientada pelo curador, Éric Corne, e Nathalie Hazan-Brunet
13 de abril, sábado, às 16h00



Publicação bilingue em torno da exposição com ensaios inéditos de Éric Corne (também em francês), Stéphanie Jamet e Margarida Bak Gordon, bem como «Na Senda

da Vida de Charlotte Salomon», de Christine Fischer-Defoy
Capa dura; 170 x 240 mm; 156 pp.;
38 imagens, ed. Stolen Books.
À venda na loja do Museu: 25 €

Partilhe a sua visita

@museuberardo

#museuberardo

Museu Coleção Berardo

Siga-nos



/museuberardo

A exposição *Vida? Ou Teatro? Charlotte Salomon. Berlim, 1917 - Auschwitz, 1943* foi organizada em cooperação com o Museu de História Judaica de Amsterdão.



Charlotte Salomon Foundation

Mecenas:



Apoio à exposição:

